



## RESISTIR À TENTAÇÃO COM A PALAVRA DE DEUS

Quaresma: tempo para regular os sentidos, abrir os olhos para tantas injustiças que atentam diretamente, contra o sonho e o projeto de Deus. Tempo para desmascarar aquelas três grandes formas de tentação que rompem, fazem em pedaços a imagem que Deus quis plasmar.

As três tentações de Cristo são também as três tentações do cristão que procuram arruinar a verdade a que fomos chamados. Três tentações que visam degradar e degradar-nos.

Primeira, a riqueza, apropriando-nos de bens que foram dados para todos, usando-os só para mim ou para «os meus». É conseguir o pão com o suor alheio ou até com a vida alheia. Tal riqueza é pão que sabe a tristeza, amargura e sofrimento. Numa família ou numa sociedade corrupta, este é o pão que se dá a comer aos próprios filhos.

Segunda tentação, a vaidade: a busca de prestígio baseada na desqualificação contínua e constante daqueles que «não são ninguém». A busca exacerbada daqueles cinco minutos de fama que não perdoa a «fama» dos outros. E, «alegrando-se com a desgraça alheia», abre-se caminho à terceira tentação, a pior, a do orgulho, ou seja, colocar-se num plano de superioridade de qualquer tipo, sentindo que não se partilha «a vida comum dos mortais» e rezando todos os dias: «Dou-Vos graças, Senhor, porque não me fizestes como eles.»

Três tentações de Cristo, três tentações que o cristão enfrenta diariamente. Três tentações que procuram degradar, destruir e tirar a alegria e o frescor do Evangelho; que nos fecham num círculo de destruição e pecado.

Por isso vale a pena perguntarmo-nos: até que ponto estamos conscientes destas tentações na nossa vida, em nós mesmos? Até que ponto nos acostumamos a um estilo de vida que considera a riqueza, a vaidade e o orgulho como a fonte e a força de vida? Até que ponto estamos convencidos de que cuidar do outro, preocupar-nos e ocupar-nos com o pão, o bom nome e a dignidade dos outros seja fonte de alegria e de esperança?

Escolhemos Jesus e não o diabo. Se vos recordais do que escutamos no Evangelho, Jesus não responde ao demónio com qualquer palavra própria, mas responde-lhe com as palavras de Deus, com as palavras da Sagrada Escritura. Com efeito, irmãs e irmãos - fixemo-lo bem na cabeça -, com o demónio não se dialoga, não se pode dialogar, porque sempre nos ganhará. Só a força da Palavra de Deus o pode derrotar. Nós não escolhemos o diabo, mas Jesus; queremos seguir os Seus passos, mas sabemos que não é fácil. Sabemos o que significa ser seduzidos pelo dinheiro, a fama e o poder. Por isso, a Igreja oferece-nos este tempo da Quaresma, convida-nos à conversão

com uma única certeza: Ele está à nossa espera e quer curar o nosso coração de tudo aquilo que o degrada, degradando-se ou degradando outros. É o Deus que tem um nome: misericórdia. O Seu nome é a nossa riqueza, o Seu nome é a nossa fama, o Seu nome é o nosso poder. E é no Seu nome que repomos a nossa confiança, como 'diz o salmo: «Vós sois o meu Deus, em Vós confio.» Têm a coragem de repetir isto juntos? Três vezes: «Vós sois o meu Deus, em Vós confio.» «Vós sois o meu Deus, em Vós confio.» «Vós sois o meu Deus, em Vós confio.» (Papa Francisco, *Homilia da Santa Missa na área do centro de Estudos de Ecatepec* (México), 14 de fevereiro de 2016)

Santo Afonso Maria de Ligório, diz:

Deus, conhecendo o grande bem que nos traz a necessidade de pregar, para este fim permite que sejamos atacados pelos inimigos, para que lhe peçamos a ajuda que ele nos oferece e promete. Mas se muito se compraz quando nos vê recorrer a Ele nos perigos, também lhe desagrada ver-nos descuidar a oração. Como o rei, diz São Boaventura, que julgaria infiel aquele capitão que, encontrando-se cercado na praça, não lhe pede socorro, assim Deus Se considera traído por aquele que, vendo-se atormentado pelas tentações, não recorre a Ele por ajuda: quando Ele deseja e está à espera de que Lhe peçamos ajuda em abundância.

Pobres filhos, diz o Salvador, que vos encontrais combatidos pelos inimigos e oprimidos pelo peso dos vossos pecados, não perdeis a esperança, recorrei a Mim com a oração, e Eu vos darei a força para resistirdes e darei proteção a todas as vossas misérias (Mt, 11, 28) ... O Senhor pôs-nos na batalha, a combater contra inimigos poderosos, mas Ele é fiel nas Suas promessas e não suporta que sejamos mais atingidos do que consigamos resistir (1Cr, 10, 13). É fiel porque logo socorre quem O invoca. Escreve o douto e eminentíssimo cardeal Gotti que o Senhor não é obrigado a dar-nos sempre uma graça que seja igual à tentação, mas deve, quando somos tentados, e a Ele recorreremos, fornecer-nos por meio da graça, que para todos sempre tem preparada, oferecer a força suficiente com que possamos atualmente resistir à tentação (De div. grat., q. 2 d. 5, par. 3). Todos podemos, com a ajuda divina, oferecida a quem humildemente a pede, pelo que não temos desculpa, não nos deixarmos vencer pela tentação. Permanecemos vencidos apenas por culpa nossa, porque não oramos. Com a oração, escreve Santo Agostinho, ultrapassam-se bem todas as ciladas e forças dos inimigos (De sal., doc. c, 28). (*O grande meio da oração*, II, 2) (pp. 141-144)